

A RELAÇÃO DE AFETIVIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR ENTRE ALUNOS E O PROFESSOR DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA ESTADUAL “ERNESTÃO” NA CIDADE DE QUEIMADAS.

Alana Pereira Costa Silva ¹

Tainara Ferreira Silva ²

Dulcineide Alaide de Lima Cabral ³

Carlos Joseph Ramos Rafael ⁴

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende esclarecer as ideias existentes acerca da importância da relação de afetividade no processo de ensino aprendizagem, entre os alunos e professor da disciplina de sociologia dentro, do âmbito escolar. O fato de uma sociedade passar por várias transformações, a escola também necessita de mudanças e essas tais mudanças são impostas pelo conjunto moral que há designado em cada sociedade, embora em um mesmo país haja uma diversidade de classes sociais e grupos culturais como ocorre no Brasil, há também normas e regras morais que são as mesmas em todo território nacional. Essas normas orientam o alicerce educacional e direcionam o caminho pelo qual o país e a sociedade almejam conduzir seu desenvolvimento.

Desse modo, a educação exerce um poder de influência sobre os indivíduos, procurando implantar em sua formação valores sociais coletivos, que colaborem para a regularização e predomínio do bem comum. Tal conjectura é defendida pelo sociólogo Émile Durkheim que defende a premissa de que o indivíduo deve ser formado pela sociedade e atribui à educação o papel primordial nesse processo.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular (DURKHEIM, 2000. p. 53-54).

Podemos então entender que a educação para Durkheim tem como principal função a formação do ser social, ou seja, a formação de um ser coletivo capaz de participar do processo

¹ Graduando do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, alanacaca@gmail.com;

² Graduando do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, tainarafs23@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, dulcineidelimacabral51@gmail.com;

⁴ Professor orientador: Licenciado em ciencias sociais - UFCG, Mestrando em ciencias sociais - UFCG, carlosjoseph8@gmail.com.

de socialização. Diante disso, a educação tem duas funções: uma função homogeneizadora e uma função diferenciadora.

Mas no ponto de vista do afeto, acontecem transformações paralelas ao desenvolvimento intelectual do aprendente, o mesmo passa a desenvolver sentimentos, como: antipatia, simpatia, respeito ao próximo, e é por meio desse desenvolvimento que as relações entre os seres humanos tornam-se mais complexas de maneira que com a formação de sentimentos pelas pessoas eles passam a julgar se gostam ou não uns dos outros, podendo estabelecer relações mais amistosas levando em consideração a afinidade que possuem entre si ou podendo estabelecer conflitos (PIAGET, 1979).

Portanto para Cunha (2008) o modelo de educação que funciona verdadeiramente é aquele que começa pela necessidade de quem aprende e não pelos conceitos de quem ensina. Ademais, a prática pedagógica para afetar o que aprende deve ser acompanhada por uma atitude vicária do professor. Para isso o mesmo autor nos mostra a importância que o professor deve ter ao procurar conhecer o seu aluno de forma particular, principalmente no que diz respeito aos estágios de desenvolvimento cognitivo de seu aluno, para que possa utilizar-se de recursos adequados e ao mesmo tempo estimulativos, facilitando assim de forma significativa o aprendizado do aluno.

A escolha da presente temática se justifica no interesse em compreender a importância da socialização e a relação da afetividade no âmbito escolar entre os alunos e o professor de sociologia na Escola Estadual de Ensino na percepção dos professores do ensino médio, sobre a relação de afetividade e aprendizagem, haja vista que a afetividade poderá determinar o sucesso ou insucesso do aluno tanto na escola como na vida futura. Quando o professor se torna o principal mediador da afetividade em sala de aula, propiciando aos alunos mais possibilidade de aprendizagem, demonstrando que a mesma, além de contribuir de forma significativa para que haja melhoria no rendimento escolar do educando, contribui também com a melhoria do convívio entre o educador e o educando, permitindo assim, um relacionamento de amizade e respeito, facilitando o processo, físico, psíquico e emocional do aluno. Tendo também como objetivos, compreender a influência da afetividade nas aulas de sociologia para o processo de aprendizagem; como também constatar a socialização e interação dos alunos do ensino médio da Escola Estadual o “Ernestão”.

Dessa forma, o presente artigo tem como metodologia a observação participativa realizada em uma escola pública do município de Queimadas-PB, de cunho qualitativo e etnografia.

Por fim a revisão bibliográfica apresenta como objetivos analisar e discutir como a relação entre aluno e professor, aliada a educação contribui para uma boa socialização do aluno, isto pelo das vivencia de afetividade entre ambos terá influencia na aprendizagem de estudantes do ensino médio de uma escola pública do município de Queimadas-PB. E desta forma, contribuir com a ampliação e relevância do tema de estudo.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa, que segundo Gil, (2002. p. 53), a abordagem qualitativa busca analisar o fenômeno observando os elementos que o integram, procurando estabelecer relações sociais e históricas, quando necessário. Portanto, procura caracterizar os aspectos fundamentais do fenômeno, sua realidade concreta, por intermédio de estudos das informações e observações, fazendo uso de descrição, classificação, análise das contradições do fenômeno do observado e analisado.

A pesquisa também se fundamentou nas orientações de Durkheim (2000) sobre a visão do papel do individuo adulto na formação do ser social que está iniciando sua vida social, Cunha (2008) sobre o papel da educação e Piaget (1979) sobre a afetividade. Buscaram-se pensadores e pesquisas para formar a categoria analítica que permitisse abranger o tema de estudo, para compreender e analisar criticamente os agrupamentos conceituais.

DESENVOLVIMENTO

No processo de ensino e aprendizagem o professor sem dúvida sabe que sua autoridade docente dentro da sala de aula é decisiva e que as responsabilidades como a eficiência de exercer sua função de ministrar suas aulas e serem bem sucedidas.

A relação de mestre-aluno para Durkheim

Segundo Durkheim, (2010. p. 25), a relação de mestre – aluno é essencialmente no plano das atitudes do mestre, em sua relação com os alunos, que se situa o fator decisivo para a evolução do processo de instrução e de educação. A função do mestre implica que saiba “irradiar autoridade em torno dele” e, portanto, que tenha uma “alta ideia de sua missão”, de maneira a suscitar uma espécie de respeito específico por parte dos alunos. A dois pontos retêm particularmente a atenção no discurso durkheimiano: a influência do que ele chama de “meio escolar” sobre a educação social e cívica do aluno e a necessidade para o mestre de encontrar o meio-termo justo, entre o *laissez-faire* anárquico e seu próprio abuso do poder.

Durkheim também defende que, na escola, o futuro cidadão seja formado para compreender o quanto a sua adesão aos valores sociais é importante, uma classe é uma pequena sociedade e não se deve conduzi-la como se fosse apenas uma simples aglomeração de indivíduos, independentes uns dos outros. O papel da escola, portanto, é o de estimular o aluno a inteligência, a razão, com vistas a possibilitar uma “adesão esclarecida” às normas coletivas. Assim, a educação moral encontra-se diante de um dilema, a saber, ensinar a disciplina e, ao mesmo tempo, a autonomia. Mas o que parece um contrassenso insuperável, explica o autor, é na verdade um indício da complexidade inerente à vida social moderna, na qual até mesmo elementos contrários, como no caso explicitado, são conciliados em vistas da socialização das gerações jovem sobre as mais adultas sendo beneficiado no processo educativo dentro da escola.

A afetividade na aprendizagem do aluno

Como muitos ainda pensam a escola não é só um espaço de reprodução de conteúdos, existem relações sociais entre as pessoas, a escola é feita por interações em que professores, alunos e gestão, passem a se respeitar dentre suas diferenças de hierarquia e função de cada indivíduo.

Para Cunha (2008. p. 36) o desenvolvimento cognitivo está ligado a estímulos no processo de aprendizagem, mediado em especial pelo afeto. Aprende-se melhor quando se ama o afeto estimula os dois mecanismos. Por esta razão, muitos estudiosos da neurociência falam do cérebro afetivo-emocional, onde as emoções são organizadas, e regiões interconectadas, dando equilíbrio ao comportamento humano. Elas ajudam o aprendiz na concentração, no fluxo de atenção, no registro e, fundamentalmente, no prazer de aprender e ensinar, estabelecendo vínculos educativos entre o professor e aluno.

Ainda falando desse mesmo autor o afeto, precisa ser a primeira matéria que o professor deve ministrar, sendo a paciência sua guardiã. Um aluno que tenha dificuldade de aprendizagem não pode passar nem pela falta nem pelo excesso de atenção. O professor deve possuir o domínio na sala de aula e conseqüentemente saber acolher cada um da maneira que é. Os alunos precisam se sentir seguros, perceber a sinceridade em cada gesto do docente. Na sala de aula as dificuldades dos alunos podem ser vencidas por meio do amor existente na relação entre todos os participantes.

Aprendizagem e desenvolvimento em Piaget

Piaget relata que o processo de estruturação mental é o resultado de uma equilibração progressiva entre uma esfera e outra, ou seja, “o desenvolvimento mental é uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que, à medida que se acrescenta algo, ficará mais sólido, ou à montagem de um mecanismo delicado, cujas fases gradativas de ajustamento conduziram a uma flexibilidade, e uma mobilidade das peças”.

O primeiro receio (e para alguns, a esperança) de que se anule o papel do mestre, em tais experiências, e que, visando ao pleno êxito das massas, seja necessário deixar os alunos totalmente livres para trabalhar ou brincar segundo melhor lhes aprouver. Mas é evidente que o educador continua indispensável, a título de animador, para criar as situações e armar os dispositivos iniciais capazes de suscitar problemas úteis à criança, e para organizar, em seguida, contra exemplos que levem à reflexão e obriguem ao controle das situações demasiado apressadas: o que se deseja é que o professor deixe de ser um conferencista e que estimule a pesquisa e o esforço, ao invés de se contentar com a transmissão de soluções já prontas (PIAGET, 1983, p. 18).

Piaget contribui no sentido de explicar a importância da ação do sujeito mediante o meio e essa ação é indispensável na construção de conhecimentos, ou seja, o aluno precisa participar ativamente do processo de aprender. Dessa forma, ele passa a construir coisas novas ao invés de repetir ou reproduzir algo que lhes foi transmitido. Desse modo, em sala aula é preciso respeitar o momento que o sujeito está pronto para aprender determinado conteúdo, possibilitando a ele experiências que possa agir ativamente no processo, conseguindo um equilíbrio entre o que já conhece e aquilo que é novo e que precisa conhecer através da interação com outros sujeitos. São esses aspectos que o professor precisa considerar para a efetivação da aprendizagem e construção de conhecimentos de seus alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca em livros resultou em seis revisões bibliográficas, onde a pesquisa demonstra que a afetividade na educação básica não é um tema recente, mas também é ainda pouco discutido e estudado. Desta forma, há uma necessidade de maior estudo sobre a temática de estudo, e posteriormente uma aplicabilidade nas escolas pública de ensino, visto que a afetividade tem influência direta na aprendizagem e socialização dos alunos com os professores.

Por fim, foi detectado através da observação participativa na escola pública do município de Queimadas-PB, que o professor da disciplina de sociologia observado mantém uma boa relação de afetividade com seus alunos, desta maneira faz com que os alunos respondam de maneira natural e espontânea aos temas discutidos em sala de aula, havendo uma maior abertura entre o aluno e o professor, fazendo assim com que o conteúdo seja apreendido de forma amigável, sem precisar necessariamente de uma oposição ou conflito entre ambos. Portanto, é através da afetividade entre o professor e aluno que acontece a troca de saberes e experiências tão necessárias para a preparação do aluno para a vida em sociedade, o tornando um indivíduo amigável e sensível com as diferenças que os rodeia na vida social. Em vista que a pesquisa se encontra em andamento, posteriormente poderá haver alterações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com nossa observação, até essa publicação da pesquisa, percebemos que cabe ao professor a decisão de desenvolver várias atividades, definir os conteúdos, a metodologia, a bibliografia, tudo que determinar como se dará o processo de construção do conhecimento e de suas funções como parte de um sistema educacional. Ao aluno, portanto está à função de executar as decisões já prontas do docente, estudar, aprender e provar que aprendeu e é capaz de produzir conhecimento. Isso caracteriza uma relação autoritária, de coerção no dominado. Por isso a importância da afetividade no processo social com o aluno, o professor tem um papel fundamental de atrair os alunos para que as emoções e os sentimentos da aprendizagem não sejam comprometidos.

Palavras-chave: Afetividade; Aprendizagem, Ensino Médio, Professor, Aluno.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak 2008.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- DURKHEIM, Émile. **Coleção educadores**. Recife: Massangana, 2010.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2002. p. 53.
- PIAGET, Jean. **Aprendizagem e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.
- PIAGET, J. **A epistemologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.